



INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA: Relato de Experiência sobre Letramento e Afetividade nas práticas pedagógicas no PIBID

SANTOS, Dayslan da Silva ¹
OLIVEIRA, Alice Virginia Brito de ²

RESUMO: A interdisciplinaridade manifesta-se no cenário educacional brasileiro como um contraponto à fragmentação do saber, atuando como uma expressão da vontade de poder nietzscheana aplicada ao campo do conhecimento. Este trabalho objetiva relatar a experiência de um graduando de História da UNEAL que, ao cursar disciplinas em Letras, ressignificou sua prática docente na educação básica. Para tal, utilizou-se uma metodologia qualitativa baseada no relato de experiência e na observação participante durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas do PIBID. Realizou-se também uma pesquisa de campo em turmas de 6º e 8º ano em uma escola pública de Arapiraca, para construir um diagnóstico sobre o interesse discente e a afetividade em sala de aula. Observamos que o contato com ferramentas do letramento literário e da análise de imagens permitiu uma revisão das metodologias de ensino de História, tornando-as mais dialógicas. Os resultados apontam que uma parcela significativa dos alunos demonstrou falta de conexão com a disciplina, fato que relacionamos à carência de segurança para a expressão de dúvidas. Os dados indicam que a prática interdisciplinar e a construção de uma relação afetiva são fundamentais para o protagonismo do aluno. Essas evidências demonstram que a superação da inércia fragmentadora depende de uma mudança de atitude do docente diante do patrimônio cultural dos sujeitos.

Palavras-Chave: Formação Docente, Licenciatura, Metodologias Ativas, Relato de Experiência, Educação Básica.

¹ Graduando em Licenciatura, História, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, *Campus I UNEAL*, dayslan.santos.2023@alunos.uneal.edu.br.

² Professora do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e coordenadora do projeto interdisciplinar história/pedagogia do PIBID/UNEAL. aliceoliveira@uneal.edu.br



1 INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade é um tema de profunda relevância, embora muitas vezes subestimado, no cenário da educação brasileira. Sua presença se manifesta nas instituições, no discurso acadêmico e nas práticas docentes e discentes, atuando como um contraponto à tendência histórica da fragmentação do saber. Essa fragmentação foi, inclusive, alvo de críticas incisivas de Friedrich Nietzsche, que, em análises interpretadas em "A Pedagogia de Nietzsche", via o sistema educacional como excessivamente focado na retalhação do conhecimento em pontos isolados.

Para o filósofo, essa sistemática centraliza-se na formação de cidadãos adaptados ao mercado e submissos à ordem política, o que, por sua vez, atrasa o desenvolvimento autônomo e racional do sujeito (Sobrinho, 2003).

É para combater essa inércia fragmentadora que a interdisciplinaridade se impõe, pois, conforme Ivani Fazenda (2011), ela "depende de uma mudança de atitude diante do problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela concepção unitária do ser humano" (Fazenda, 2011).

Neste contexto, a interdisciplinaridade pode ser lida como uma manifestação da vontade de poder nietzscheana aplicada ao campo do conhecimento. Longe de ser reduzida à busca por dominação, a vontade de poder é a força vital que impulsiona o indivíduo a enfrentar e transpor obstáculos, orientando-o para a superação de si mesmo e a criação de novas formas de vida. A junção de diferentes disciplinas, portanto, trabalha como uma força impulsionadora na construção do conhecimento, contribuindo para a absorção dos conteúdos e despertando o ser reflexivo na consciência do indivíduo, tornando-o autônomo em relação às ideias isoladas.

2 METODOLOGIA

Essa potência transformadora ficou evidente na prática. Como graduando do curso de História, tive a oportunidade de cursar disciplinas em Letras Francesas, uma experiência que, inadvertidamente, me expôs à verdadeira força da



interdisciplinaridade. O contato com diferentes áreas do saber não só contribui para o desempenho acadêmico, mas também para a capacitação profissional. Minha experiência com a disciplina de Metodologia Científica, ministrada por uma professora de Letras, ilustra isso perfeitamente. Nas aulas, a professora propunha atividades de debate voltadas a textos de licenciatura de Letras, um universo inicialmente distante da minha realidade.

Outro ponto fundamental foi a temática do seminário proposto pela professora de metodologia: "Letramento e Alfabetização: uma prática que deu certo". Baseado no texto de Emilli Moreira e Milena Silva, o trabalho levou minha equipe a refletir profundamente sobre os conceitos de letramento e alfabetização.

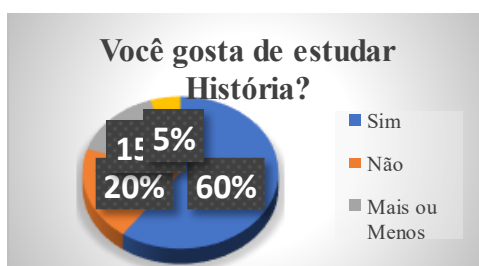
Perante essa análise, minha realidade como regente de História em uma escola pública de Arapiraca me fez questionar a situação de uma turma de sexto ano, levando-me a realizar uma pesquisa de campo para compreender o processo de aprendizagem da minha turma, utilizando um questionário diagnóstico com as turmas de 6º e 8º ano para materializar a reflexão teórica e compreender como essa vontade de saber se manifesta no cotidiano escolar

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para um conhecimento aprofundado das turmas e da relação do aluno com o professor e disciplina de História, foi elaborado um instrumento de pesquisa com duas questões estratégicas: 1) Você gosta de estudar História? 2) Você se sente à vontade para tirar dúvidas com seus professores? Os dados revelaram diferenças e similaridades importantes no perfil dos alunos pelas turmas 6º C e 8º A, a mesma foi feita de forma manual, a qual as perguntas mencionadas foram refletidas.

Em consequência, os resultados dos gráficos abaixo indicam que a maioria dos estudantes demonstra afinidade com a disciplina.

Gráfico 1: Dados extraídos do 8º ano A.



Fonte: autoria própria, 2025.

Gráfico 2: Dados extraídos do 6º ano C.



Fonte: autoria própria, 2025.



Perante a análise do gráfico, 60% dos alunos do 8º ano A, o que corresponde a 12 estudantes, afirmaram "Sim", enquanto 67% (sessenta e sete por cento) dos alunos do 6º ano C, o que corresponde a 14 estudantes, também afirmaram "Sim", demonstrando um interesse claro pela matéria.

Contudo, 20% (vinte por cento) do 8º ano A e 19% (dezenove por cento) do 6º ano C, o que corresponde a 4 alunos do 8º ano A e 5 alunos do 6º ano C, responderam "Não", indicando uma falta de conexão com a disciplina. Ademais, 20% (vinte por cento) do 8º ano A e 14% (catorze por cento) do 6º ano C, o que corresponde a 4 alunos do 8º ano A e 3 alunos do 6º ano C, expressaram um interesse mais flexível; no caso do 8º ano A, distribuiu-se assim: 15% (quinze por cento), que corresponde a 3 alunos, responderam "Mais ou Menos" e 5% (cinco por cento), que corresponde a 1 aluno, respondeu "Depende".

Os dados indicam que, apesar de a maioria gostar de estudar História, uma parcela significativa das turmas não tem um interesse enraizado na disciplina. Isso sugere que o professor precisa de novas abordagens para engajar a totalidade da classe. Contudo, a alta porcentagem de alunos que já gosta da disciplina é um ponto positivo, mas é preciso desenvolver novas estratégias de ensino para os estudantes que não se sentem atraídos por ela. Uma possível abordagem é a vivência da interdisciplinaridade.

Abaixo, o gráfico sinaliza a porcentagem dos alunos que se sentem à vontade em tirar dúvidas com os professores.

Gráfico 3: Dados extraídos do 8º ano A.



Fonte: autoria própria, 2025.

Gráfico 4: Dados extraídos do 6º ano A.



Fonte: autoria própria, 2025.

Perante os resultados, é possível sinalizar que os alunos que não gostam da aula de História possam estar inteiramente ligados à falta de afetividade com o



professor, ou seja, o aluno não vê aquele espaço confortável para se expressar, dialogar e errar. É preciso desmistificar que a sala de aula é lugar de sempre acertar e que, se errar, é “burro”. A apropriação da interdisciplinaridade aos poucos irá tornando o aluno o protagonista de sua aprendizagem, onde a aproximação com o professor será uma ferramenta indispensável.

Os gráficos acima mostram que 55% (cinquenta e cinco por cento) dos alunos do 8º ano A e do 6º ano C responderam “sim”, afirmando que se sentem à vontade para tirar dúvidas; já 45% (quarenta e cinco por cento) dos alunos responderam “não”, indicando que não se sentem bem em tirar dúvidas com os professores. Perante esse contexto, que mostra uma divisão quase igual, onde 45% (quarenta e cinco por cento) não se sentem à vontade, é necessário refletir sobre a relação entre professores e alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que a interdisciplinaridade, longe de ser apenas um conceito teórico, atua como uma verdadeira "vontade de poder" que subverte a fragmentação do saber e transforma a prática docente. Ao transpor os muros entre História e Letras, foi possível perceber que o ensino de História ganha profundidade quando utiliza recursos de letramento e análise de imagem, permitindo um diagnóstico mais humano e preciso das turmas.

Os dados apresentados reforçam que o sucesso da aprendizagem está intrinsecamente ligado à afetividade e ao ambiente de segurança criado pelo professor. Portanto, ser professor, para além dos títulos institucionais, exige a coragem de criar novas formas de vida em sala de aula, integrando saberes e acolhendo a totalidade do aluno. Conclui-se que a prática interdisciplinar é o caminho para despertar a autonomia do sujeito, superando a inércia educacional e formando cidadãos verdadeiramente reflexivos.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de



Financiamento 001, da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e da Secretaria Municipal de Educação de Arapiraca (SMEA).

REFERÊNCIAS

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL GOVERNADOR DIVALDO SURUAGY. Projeto Político Pedagógico. Arapiraca: Escola de Ensino Fundamental Governador Divaldo Suruagy, 2024.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. A vontade de poder. Tradução do original alemão e notas Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. A pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre educação. Tradução, apresentação e notas Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 7-39.